



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
NO TRADICIONAL ENCONTRO DE NATAL
COM OS CARDEAIS, A FAMÍLIA PONTIFÍCIA,
A CÚRIA E A PRELATURA ROMANA**

Terça-feira, 21 de Dezembro de 1999

*"Rorate coeli desuper, et nubes pluant iustum!
Aperiatur terra, et germinet Salvatorem!" (Is 45, 8).*

1. É com grande prazer que me encontro convosco, caríssimos membros do Colégio Cardinalício e colaboradores da Cúria Romana, para esta reunião tradicional que, contudo, parece ter hoje um sabor particular: é a última do século e do Milénio. A peculiar circunstância convida-nos a colocarmos, com a nossa reflexão, no horizonte do tempo que corre, para adorarmos os desígnios de Deus e renovarmos a nossa fé em Cristo, Senhor da história.

Agradeço-lhe, Senhor Cardeal Decano, as expressões de devoção que me dirigiu em nome do Colégio Cardinalício e dos presentes. Obrigado pelos bons votos, que retribuo de todo o coração a Vossa Eminência, aos Senhores Cardeais e aos Membros da Cúria Romana.

Queremos viver este encontro com a consciência de que constituímos uma comunidade muito especial, a comunidade dos mais íntimos colaboradores do Bispo de Roma, Sucessor do Apóstolo Pedro. O elemento que nos une pode ser sintetizado com a expressão *ministerium petrinum*.

2. *Ministerium*, ou seja, serviço. O Filho de Deus, que nasce como homem em Belém, dirá de si mesmo: "O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate por muitos" (Mc 10, 45). Assim Cristo deixa-nos o modelo, antes, o "parâmetro", com o qual se deve medir a vocação de cada um de nós.

Se a vocação do Sucessor de Pedro, ao lado dos seus colaboradores, possui um significado particular na Igreja, é precisamente porque ela constitui um ministério, um serviço. A Pedro, Cristo

diz: "Fortalece os teus irmãos" *confirma fratres tuos* (Lc 22, 32). Conhecemos bem o contexto dramático destas palavras do Mestre divino: já na proximidade da paixão, à declaração de Pedro: "Senhor, Senhor, estou pronto a ir contigo até para a prisão e a morte" (Lc 22, 33), Ele respondeu: "Digo-te [Pedro], o galo não cantará hoje sem que, por três vezes, tenhas negado conhecer-Me" (Lc 22, 34). É neste contexto que se inserem as palavras de Cristo: "Roguei por ti, a fim de que a tua fé não desfaleça. E tu, uma vez convertido, fortalece os teus irmãos" (Lc 22, 32).

3. É necessário deter-se em todo este contexto para compreender plenamente o sentido da vocação de Pedro na Igreja. Na narração do Evangelista, Pedro emerge em toda a sua fragilidade. Portanto, o "fortalecer" não deriva das suas capacidades: provém do poder de Cristo, que reza por ele. É em virtude do poder de Cristo que ele pode sustentar os irmãos, apesar da sua debilidade pessoal. É necessário ter bem presente esta verdade sobre o *ministerium petrinum*. Nunca a pode esquecer aquele que, como Sucessor de Pedro, exerce este *ministerium*, e tão-pouco a devem esquecer aqueles que a qualquer título participam nele.

Por ocasião do encontro hodierno, desejo abraçar com a memória os Sumos Pontífices que se sucederam no arco deste Milénio e todos aqueles que, de várias maneiras, colaboraram com eles. "Muito bem, servo bom e fiel, foste fiel em coisas de pouca monta, muito te confiarei. Entra no gozo do teu Senhor" (Mt 25, 23). Temos confiança em que quantos participaram no *ministerium petrinum* ouviram estas palavras de Cristo. Esperamos escutá-las também nós, quando formos chamados a apresentar-nos perante o tribunal supremo.

A hodierna meditação cruze o limiar do terceiro Milénio e seja escutada por aqueles que nos sucederem, que assumirem depois de nós, como Sucessores de Pedro e como seus colaboradores, o *ministerium petrinum*, para o exercer segundo a vontade de Cristo. São os votos que formulo a todos os meus queridos Irmãos e Irmãs da grande comunidade que formamos, agradecendo incessantemente a todos e a cada um o apoio, a ajuda e a colaboração generosa que me oferecem.

4. *Confirma fratres tuos!* Nestes anos caminhámos rumo ao grande Jubileu juntamente com todo o Povo de Deus espalhado pelo mundo. Fazendo agora como que um balanço do itinerário até aqui percorrido, sinto o dever de agradecer ao Senhor em primeiro lugar a inspiração trinitária que o distinguiu. Ano após ano detivemo-nos em contemplação diante da pessoa do Filho, do Espírito e do Pai. Ao longo do Ano Santo cantaremos a glória comum das três Pessoas divinas. Assim, sentimo-nos mais do que nunca como povo congregado na Trindade, "*de unitate Patris et Filii et Spiritus Sancti plebs adunata*" (S. Cipriano, *De orat. Dom.* 23: PL 4, 536; cf. [*Lumen gentium*](#), 4).

São inumeráveis as iniciativas tomadas nas Igrejas particulares, em preparação para o Ano jubilar. A nível universal, de grande importância foram sobretudo os Sínodos continentais, dos quais é lícito esperar frutos abundantes com base nas directrizes apresentadas nas respectivas

Exortações Apostólicas pós-sinodais. No início deste ano pude entregar na Cidade do México a Exortação Apostólica "[*Ecclesia in America*](#)", auspiciando um renovado impulso de evangelização da numerosa comunidade cristã americana. No mês de Junho visitei a minha Pátria de origem, indo a algumas Dioceses da Polónia onde ainda não estivera. No mês passado levei à Índia a Exortação Apostólica "[*Ecclesia in Asia*](#)", encorajando a pequena comunidade católica asiática a anunciar Cristo Salvador, com confiança mas em diálogo com as antigas religiões daquele imenso Continente. Sucessivamente, em Outubro realizou-se a *II Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Europa*, durante a qual se enfrentou o complexo desafio da evangelização no Continente europeu. Um desafio que confiámos à intercessão dos Santos, de modo especial dos três Padroeiros Bento, Cirilo e Metódio, que eu quis integrar na devoção do Povo de Deus com as três figuras femininas de Santa Brígida da Suécia, Santa Catarina de Sena e Santa Teresa Benedita da Cruz Edith Stein.

5. *Confirma fratres tuos!* O ano que acabamos de transcorrer foi importante também sob o aspecto ecuménico. Na [*Tertio millennio adveniente*](#) formulei votos por que o grande Jubileu possa ver os cristãos "se não totalmente unidos, pelo menos muito mais perto de superar as divisões do segundo Milénio" (n. 34). Infelizmente, a meta ainda está distante. Todavia, como esquecer a intensa emoção das minhas recentes viagens à Roménia e à Geórgia? Fui ali como irmão entre irmãos e, no acolhimento daquelas antigas comunidades, pude experimentar um pouco da alegria que, durante séculos, acompanhou as relações entre o Oriente e o Ocidente. Outrora, a Igreja podia respirar plenamente com os "dois pulmões" das tradições diversas e complementares em que se exprime a riqueza do único mistério cristão. O que dizer, depois, dos progressos que se verificaram nas relações com os irmãos de tradição luterana? O documento sobre a justificação, recentemente assinado em Ausburgo, constitui um grande passo avante e um encorajamento a continuar o diálogo com decisão, a fim de que se realize a invocação de Cristo: "Pai, para que todos sejam um só" (*Jo 17, 21*). Significativo foi também, como passo dado rumo ao esclarecimento das relações com a tradição hussita, o [*Congresso celebrado na semana passada sobre João Hus*](#), precisamente aqui no Vaticano, com grande participação de eminentes estudiosos de todas as proveniências.

6. *Rorate coeli desuper et nubes pluant iustum!* Também neste ano o olhar da Igreja não deixou de perscrutar além dos seus confins visíveis, para reconhecer a obra misteriosa que o Espírito de Deus realiza entre os homens e, de modo particular, entre os crentes de outras religiões. Por iniciativa do *Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso*, na esteira do inesquecível encontro de Assis em 1986, no passado mês de Outubro reunimo-nos na Praça de São Pedro com os representantes de várias religiões no mundo. Promovemos este encontro em plena sintonia com o espírito do Concílio, que na Declaração [*Nostra aetate*](#) encorajou o diálogo com as outras religiões, recordando todavia que ele se deve realizar sem se abandonar ao indiferentismo e à tentação do sincretismo. A fé em Cristo, "Caminho, Verdade e Vida" (cf. *Jo 14, 6*; cf. [*Nostra aetate*](#), 2), é a razão de ser da Igreja e a força que sustenta e orienta a sua acção no mundo. É neste fundamento que o encontro com os crentes de outras religiões demonstra toda a sua

fecundidade. Ele é legítimo e significativo, quer porque são muitos os âmbitos operativos nos quais nos podemos encontrar concordes no serviço a Deus e aos homens, quer porque é dever da Igreja glorificar a Deus pelos raios de verdade com que Ele alcança os seus filhos em todas as latitudes da terra oferecendo, do modo que só Ele conhece, aquela salvação que tem a sua nascente no mistério pascal de Cristo (cf. *Gaudium et spes*, 22).

7. O anúncio da salvação não pode deixar de ser acompanhado de um activo testemunho de caridade. Também neste ano, diante dos grandes problemas do mundo, a Sé Apostólica esforçou-se para que não faltasse o contributo do fermento evangélico. Assim se sustentou o caminho do Povo de Deus que, nas suas realidades pastorais locais, de inúmeras maneiras vai ao encontro das exigências humanas e do serviço aos mais necessitados. Preocupou-se pela promoção de uma "cultura da caridade", capaz de fazer amadurecer relações solidárias entre os homens, de fazer dissipar preconceitos, de se dispor para a humildade do encontro e do diálogo. Disto em particular continuam a tornar-se beneméritos os Dicastérios da Cúria Romana, de forma especial aqueles que estão mais empenhados no campo da cultura e das problemáticas sociais. Na mesma direcção, há alguns dias ofereci várias linhas de reflexão, no contexto da anual Mensagem para o Dia Mundial da Paz. Queira o recém-nascido de Belém, Príncipe da paz, abençoar os esforços que todos os homens de boa vontade realizam com este objectivo.

8. *"Venite et ascendamus ad montem Domini"* (Is 2, 3). Este Natal que inaugura as celebrações do Ano jubilar seja para cada um de nós uma ascensão ao monte do Senhor, onde a sua glória se revela a quantos abandonaram o homem velho (cf. *Ef* 4, 22-24) e se revestiram do hábito nupcial (cf. *Mt* 22, 12), abrindo-se plenamente a Cristo.

Ascendamus ad montem Domini! Sim, aceleremos com fé os passos rumo ao Jubileu, ano extraordinário de graça, expressa de modo particular pelo dom da indulgência. Longe de ser um "desconto" à mudança de vida do cristão, essa exige-a de forma ainda mais vigorosa. O compromisso espiritual até agora prodigalizado, e que devemos continuar a assumir também nos âmbitos de competência dos respectivos Dicastérios e, especialmente, no contexto do Comité para o Ano Santo, quer ajudar todos os crentes a tomarem consciência do verdadeiro sentido do evento jubilar. "Arrependei-vos e acreditai na Boa Nova" (*Mc* 1, 15). Esta é a mensagem que deve vibrar com intensidade crescente ao longo dos próximos meses.

Os momentos jubilares previstos em diversos modos e lugares e, em particular, aqueles que se hão-de celebrar aqui em Roma, são expressões fortes do caminho de conversão que empenha o inteiro Povo de Deus.

9. *"Ecce, virgo concipiet et pariet filium et vocabit nomen eius Emmanuel"* (Is 7, 14).

O Natal e o Ano jubilar transmitem-nos com vigor esta certeza que, desde há dois mil anos, sustém o caminho da Igreja, a impele ao afã do anúncio e a estimula a uma conversão constante. O Menino nascido em Belém é o Emanuel, o *Deus conosco*. É o Ressuscitado que guia a

história e virá na glória, no fim dos tempos.

Faço votos de coração a cada um de vós, Senhores Cardeais, e a todos vós, estimados colaboradores da Cúria Romana, por que possais sentir profundamente os frutos da sua presença, na alegria de terdes sido escolhidos para trabalhades, em íntima colaboração com o ministério do Sucessor de Pedro, como arautos do seu Reino de amor e de paz.

Abençoo todos vós com afecto. Feliz Natal! Próspero Ano Santo!

© Copyright 1999 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana